



II «mistero del corpo parlante»

Le «mystère du corps parlant»

O «mistério do corpo falante»

The «mystery of the speaking body»

El «misterio del cuerpo hablante»

O corpo da histérica – O corpo feminino

“O mistério do corpo falante”, este é o título de nosso próximo Encontro: são significantes que nos remetem de imediato tanto ao mistério da histeria como ao gozo feminino: em ambos está envolvido o corpo.

Mas que corpo? Qual é o corpo que interessa à psicanálise? Desde o começo, Freud se encarrega de salientar que o inconsciente tem efeitos sobre o corpo. Então, quando falamos de corpo, não nos referimos ao organismo, o que nos chega dado, é preciso fazer a distinção entre o corpo do organismo biológico e o do sujeito.

Sabemos que um dos efeitos da linguagem é o de separar sujeito e corpo, e esse efeito de cisão, de separação entre sujeito e corpo só é possível pela intervenção da linguagem: é preciso fazer-se o corpo, não se nasce com um corpo.

Ou seja, o corpo se constrói secundariamente, é efeito da palavra.

Lembremos que Lacan nos mostra no estádio do espelho que, para que o sujeito se reconheça como um corpo inteiro e unificado, é-lhe necessário um outro, é só por identificação com a imagem do outro que a criança adquire a imagem de seu próprio corpo.

Entretanto, é condição para a identificação imaginária seu acesso à estrutura da linguagem, isto é, o registro do simbólico. A constituição da imagem corporal é, portanto, um efeito que vem do simbólico.

O acontecimento histérico

A histérica procura nomear-se como mulher através da imagem de seu corpo, buscando esgotar na imagem a pergunta sobre a feminilidade.

É uma maneira de dar nome ao inominável no lugar do feminino.

Porque sua feminilidade é-lhe estranha, ele venera, através de seu próprio corpo, o mistério da Outra mulher que detém o segredo do que ela é, tentando através de outra mulher, de outro real que lhe seja dado um corpo.

Da histeria à feminilidade, vão ficando pelo caminho sintomas, queixas, dores, mãos sufocantes ou ausentes, pais idealizados ou impotentes e um gozo que, em alguns casos, leva a tomar um filho como falo.

Corpo feminino – todo mãe – que exige outro, o que se efetua no tempo da análise. Intervenção no real que, pela via da presença do analista, exerce uma subtração de tal gozo. Apesar de que, às vezes, histeria e feminilidade parecem unidas por certa cumplicidade que as entrelaça, no transcurso de uma análise torna-se precisa a distinção entre ambas.

O que nos diz a histérica com seus sintomas corporais? O corpo da histeria fala por meio de seus sofrimentos, suas conversões, por não dizer sua singularidade de sujeito.

Os hieróglifos do corpo nos encaminham ao mecanismo somático que é central na sintomatologia histérica. O sintoma somático tem seu lugar no ponto limite do real e da linguagem. Toda a “operação histérica” consiste em fazer deslizar seu corpo de sintoma num invólucro.

Poderíamos dizer que a histeria reinventa um corpo no corpo, faz como se a anatomia não existisse, mas porque sabe jogar com ela, fomentar sintomas que instituem uma audaz geografia corporal, há uma anatomia imaginária, que responde às necessidades de seu sintoma. A história se inscreve nos sintomas corporais.

O propósito da histeria pura é fazer do corpo real, o que alberga o sintoma, o lugar físico de ativação do sintoma.

Este é o desafio da histérica: fazer corpo com seu sintoma.

Este corpo, lugar do “acontecimento do sintoma”, não é o mesmo que o corpo tomado no discurso. O corpo tomado no discurso é um corpo falado, um corpo gozado; o corpo falante é, ao contrário, um corpo que goza.

Sintoma conversivo – Fenômeno psicossomático

Para Freud o sintoma conversivo é uma perturbação de uma função do corpo, pois todo o corpo pode tornar-se erógeno, sem alteração do órgão implicado, “sem causa orgânica”, diferentemente do fenômeno psicossomático, no qual a função se encontra afetada, havendo enfermidade do corpo, não havendo inscrição do significante no inconsciente, mas ferida de letra no corpo. Contudo, é preciso salientar que nem todo dano orgânico pode ser considerado psicossomático, nem que o psicossomático deve constituir uma especialidade analítica.

O fenômeno psicossomático dá testemunho de um modo específico de satisfação concomitante a uma escolha pontual do sujeito pelo ser. A dificuldade consiste em que numa lesão psicossomática o desejo do Outro não é questionado de imediato, aparecendo como um desejo opaco que tem caráter de signo mais que de significante. Não é um corpo que constitui o que pode elevar a marca apropriada para ordená-lo em uma série de significantes, mas um corpo que se encarrega do modo de satisfação de quem tem, para o sujeito, função de outro.

Mais além do falo – gozo feminino

Ao se perguntar sobre o feminino, Lacan vai falar de uma mulher como sintoma; é no sintoma que está apoiado o Outro sexo. Constatamos, no último ensino de Lacan, uma aproximação entre o sintoma e o feminino.

Enquanto a mulher consente em ser “o sintoma de um corpo” (isto não o impede, por outro lado, de ser um sujeito), isto é, empresta seu corpo ao gozo de outro corpo, a histérica não empresta seu corpo.

Isso explicaria, em parte, o fato de Lacan falar em vários lugares da recusa do corpo na histeria, o que ele chamou mais tarde “a greve do corpo”. A chamada “complacência somática” da histérica oculta uma recusa do corpo. Ela subtrai seu corpo na medida em que ele poderia ser instrumento do senhor.

Talvez a maneira mais paradigmática de recusa do corpo é a que nos apresentam as anoréxicas que abundam em nossa época. Pode-se pensar na anorexia como uma modalidade pela qual a histérica buscaria nomear-se como mulher através da imagem de seu corpo, buscando esgotar a pergunta sobre a feminilidade.

É preciso destacar que a anorexia não é uma perturbação funcional, mas uma conduta assumida, reivindicada pelo sujeito, e não um sintoma que entra em conflito com o Outro. A anoréxica tenta extrair do corpo o excesso próprio da carne, recusando o corpo em sua dimensão real como substância gozante. A contrapartida dessa ambição anoréxica é o retorno do excesso recusado como deformação da imagem especular.

Na anorexia neurótica, o objeto olhar foi efetivamente extraído do campo da percepção, daí por que ele retorna emoldurado no espelho.

Nas mulheres, é o próprio corpo a sede da inexistência do significante de “A mulher”, não havendo nada universalmente predicável como sendo distintivo do feminino.

É no corpo mesmo que se faz presente o furo do sexo para as mulheres.

Enquanto a mulher freudiana é situável a partir da carência fálica e de tudo o que vem compensá-la, por exemplo a maternidade, na mulher lacaniana se enfatiza antes o que nela existe de suplemento como gozo: estar habitada por um gozo a mais.

Lacan propõe nas fórmulas da sexuação o gozo feminino, o que marca a diferença entre a histérica, eminentemente fálica, e o gozo feminino mais além do falo, comparável ao dos místicos, gozo adicional, suplementar, sujeito ao não-todo. Enquanto o gozo fállico fica definido como gozo do órgão, fora do corpo, gozo antes masturbatório, auto-erótico, pára-sexuado.

Dessa forma, algumas mulheres gozam apenas no sentido fállico, gozo ligado ao significante, ao simbólico, isto é, ligado à castração; nesta posição se detém a histérica, identificada ao homem para daí abordar o enigma do que é o feminino. Algumas só obtêm esse gozo, outras têm acesso ao Outro gozo, gozo feminino.

Enquanto fállica, a mulher oferece sua mascarada ao desejo do Outro, faz semblante de objeto, se oferece aí como falo, aceitará encarnar esse objeto para oferecer-se às suas delícias, porém não estará toda aí, e se estiver bem estabelecida, não o crê completamente: sabe que não é o objeto, ainda que possa brincar de doar o que não tem, e com maior razão se intervém o amor, gozando de ser o que causa do desejo do outro, sem temor de ficar aí aprisionada, contanto que seu gozo não se esgote aí. É fazer de conta de objeto que a fantasia do parceiro lhe pede. Fazer de conta é brincar de sê-lo, tentando, a partir desse lugar, gozar em posição feminina, mas deve sair dessa cena, pois não encarna esse - *a* - o tempo todo. Não é dizer demais que se ficar como *a*, enquanto objeto, fica prisioneira de uma espécie de posição masoquista.

O gozo feminino é por excelência o lugar de onde se tem acesso à experiência do fato de que não existe Outro do Outro, ou seja, não há relação sexual.

O objeto *a* e esse gozo feminino serão duas modalidades de suplência da relação sexual que não há e que não deixarão de dar conta de um encontro impossível.

O corpo feminino então se oferece entre o amor e o gozo. Poderíamos, pois, dizer que uma mulher se situa entre o fazer gozar e o ser amada.

Florencia Farías

Argentina - 28 de abril 2010.

(trad. Silmia Sobreira e Luís Guilherme Coelho)

Bibliografia consultada:

FREUD, S. (1931), “A sexualidade feminina”. Em *ESB*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XXI.

FREUD, S. (1933), “Feminilidade”, Conf. XXXIII das Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Em *ESB*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, vol. XXII.

LACAN, J. (1968-1969). O Seminário Livro XVII *O avesso da psicanálise*: Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. (1972-1973). O Seminário Livro XX *Mais ainda*: Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1982.

LACAN, J. (1974). O Seminário Livro XXII *RSI*, Inédito.

SOLER, C. (2004) *O que Lacan dizia das mulheres*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.